

Universidade de São Paulo
Instituto de Estudos Brasileiros

Lívia Fernandes Furtado

As (inquietantes e autobiográficas)
crônicas de Clarice Lispector

Trabalho de apresentação à disciplina
Gêneros híbridos: crônica, memória, carta e
poema em prosa.

2º semestre – jornalismo matutino

Prof. Dr. Fernando Paixão

São Paulo

2009

As (inquietantes e autobiográficas) crônicas de Clarice Lispector

Introdução

Os “r” guturais e os “s” assoviados. A beleza e elegância - mais tarde aliadas a um tanto de excentricidade no visual e no comportamento -, junto a uma escrita nem sempre facilmente compreendida, um estilo único que a tornou aclamada como um dos grandes mestres da literatura brasileira, Clarice Lispector teve criada em torno de si, ao longo da vida, uma aura de mistério que ela própria renegava. [1] Entretanto, sua não propensão à vida pública em geral, e suas respostas um tanto quanto evasivas ou secas em entrevistas (quando concedia uma)[2], só fizeram aumentar com os anos a fama de misteriosa, que alguns chegaram, inclusive, a relacionar à bruxaria. [3]

Sobre sua vida íntima ela não gostava muito de falar. Fugia às perguntas, inventava fatos e datas; insistia que, em seus romances, nada dela havia. Mas, quando em 1967 começou a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil* (onde trabalhou até 73), Clarice acabou por deixar seu maior legado autobiográfico naqueles escritos, segundo Benjamin Moser. Reunidas em livros como “A descoberta do mundo” (1984) e “Aprendendo a viver” (2004), as crônicas publicadas pela escritora muitas vezes não passam de um trecho, um parágrafo, uma frase. Completamente diferentes do estilo tão em voga à época, com o qual cronistas como Rubem Braga e Fernando Sabino fizeram grande sucesso, as publicações semanais de Clarice geravam as mais variadas reações. Ela mesma não ficava indiferente, sentindo-se incomodada pelo grau de intimidade que deixava transparecer. Alguns textos eram explicitamente autobiográficos, narrando acontecimentos de sua infância. Outros continham significados escondidos que podem ser entendidos à luz de trabalhos posteriores sobre a vida da autora, ou mostravam suas mais íntimas inquietações. De um modo ou de outro, Clarice Lispector fez, mais uma vez, o que sabia fazer de melhor: quebrou os padrões.

1. A ascensão da crônica nas décadas de 60 e 70 no Brasil

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! (...) Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. [4]

É assim que Machado de Assis começa “O nascimento da crônica”, uma metacrônica que trata de maneira bem humorada da “probabilidade de crer que foi [a crônica] coetânea das primeiras duas vizinhas”, apesar de não poder pontuar em que ano exato nasceu tal gênero literário.

Fato é que as crônicas - o nome, derivado de *chronos*, tempo, era a princípio dado a documentos, narrativas de viagens (viajantes que narravam suas experiências em sequência linear, quase ano a ano, eram *cronistas*) -, como conhecidas na contemporaneidade, começaram a fazer muito sucesso no Brasil no séculos XIX e XX. Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, vivenciaram seu “período de ouro”, na década de 1930. Rubem Braga, tido pela própria Clarice como “o inventor da crônica” [5], despontou nessa época como cronista de destaque, tornando-se um dos maiores nomes da categoria.

“Filha do jornal e da era da máquina”, não nasceu pra durar - quando o jornal se torna cotidiano, ela surge primeiro no formato de “folhetim” e, mais tarde, encurta de tamanho, ganha um tom mais leve e passa a ter o papel de divertir. [6] Antonio Candido enumera as características dessas obras: são um gênero menor, se aproximam da vida, tratam de miudezas ou banalidades, quase sempre se utilizam do humor. [7] Sua “transformação da literatura em algo íntimo” e a “brasilidade” desenvolvida no gênero conquistaram os leitores. “O público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come,” apontou Vinicius de Moraes. [8]

Rubem Braga, jornalista e cronista, passou a se dedicar quase que exclusivamente ao gênero. Outros o utilizavam para ganhar nome junto ao público e para aumentar a renda. Clarice se encaixaria na segunda opção, mas não no modo convencional de escrever os textos “ao rés-do-chão” descrito por Candido.

2. Crônicas lispectorianas

2.1. Inquietações

Clarice sabia muito bem qual “deveria” ser o caráter das crônicas:

Escrever para jornal não é tão impossível. É leve, tem que ser leve, e até mesmo superficial: o leitor, em relação ao jornal, não tem nem vontade nem tempo de se aprofundar. [9]

Entretanto, não se pode dizer que ela se preocupava em atingir essa “superficialidade descontraída” em seus trabalhos. É certo que ela aparece, mas a personalidade intensa e conflitante de Clarice faz transparecer em seus textos questões profundas, emocionais, muitas vezes complexas a ponto de gerar desconforto nos leitores. Isso aconteceu com “Você é um número”, publicado em 7 de agosto de 1971. Já no título, a curiosidade - número de série? número de circo? número como símbolo? - e uma pontada de desconforto.

Se você não tomar cuidado vira número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Seu título de eleitor é um número. Profissionalmente falando você também é. (...) Seu prédio, seu telefone, seu número de apartamento - tudo é número. (...)

Nós não somos ninguém? Protesto. Aliás é inútil o protesto. E vai ver meu protesto também é número. [10]

A sensação que fica é de impotência, revolta que incomoda por não podermos agir sobre ela. Somos números. O protesto é número. Só Deus não é número. Mas de que adiantaria Deus, aquele mesmo Deus que abandonara a família da judia Clarice desde o início, de que ele adiantaria quando seus colegas estavam sendo presos, torturados, mortos? Quando não havia liberdade de imprensa, de opinião, quase de pensamento? Escrevendo em um Brasil assombrado pela ditadura militar, a qual ela não apoiava, é plausível relacionar a sensação de revolta e impotência da escritora ao contexto político social no qual estava inserida.

Duas semanas depois, o pedido de desculpas:

Estou escrevendo sobre um texto aqui publicado e chamado “Você é um número.” Do dia 7 de agosto, sábado. (...)

Senti - mas senti mesmo - no ar quanto desagradei com o tal texto. Eu própria me ofendia. E sabia que ofendia os outros. Não. Você não é um número. Nem eu.

Porque há o inefável. O amor não é um número. A amizade não é. Nem a simpatia. A elegância é algo que flutua. E se Deus tem número - eu não sei. A esperança também não tem número. [11]

No mesmo livro, *Aprendendo a viver*, logo antes de “Você é um número”, encontra-se “Sou uma pergunta”. Os questionamentos misturam filosofia, dúvidas existenciais e banalidades. “Quem fez a primeira pergunta? Quem fez o mundo? Se foi Deus, quem fez Deus? (...) Por que faço perguntas? Por que não há respostas? Por que quem me lê está perplexo? Por que a língua sueca é tão macia? Por que fui a um coquetel na casa do Embaixador da Suíça?” [12] Esse fluxo de pensamentos - no caso, de perguntas, que lembram as crianças descobrindo o mundo - é característico dos romances de Clarice e aparece volta e meia em suas crônicas, como em “A noite mais



Clarice Lispector na Passeata dos Cem Mil, contra a ditadura militar, em 1968.

perigosa”, de junho de 1969 (e em “Flor mal-assombrada e viva demais”, que, publicado três anos depois, difere do citado em apenas algumas passagens). As frases soltas, os elementos pesados – escuridão, silêncio, noite, solidão, medo – remetem à situação opressora na qual o país entrara com a implantação do AI-5 no final de 68, através do qual se instaurara a censura prévia e cercearam-se muitos outros direitos constitucionais dos cidadãos.

Parece claro, assim, que a temática das crônicas de Clarice não era sempre agradável ou fácil, e que, diferente do que era (é) característico dos cronistas, ela não fazia questão de facilitá-la.

2.2 O maior legado autobiográfico

Outra razão pela qual as crônicas de Clarice poderiam ser de difícil compreensão – ao menos compreensão “completa” (ou tão completa quanto se pode chegar de algo tão subjetivo) – era o fato de ela revelar pouco ou quase nada de sua vida. Ela mentia quanto aos fatos – com quantos anos viera para o Brasil, com que seu pai trabalhara, de onde vinha seu sobrenome – em entrevistas e em textos próprios, não gostava de revelar muito sobre seu passado. Mas deixava transparecer nas crônicas muitas facetas até então ocultas.

Pode-se perguntar: mas como é que não saber nada de sua vida pode atrapalhar a compreensão dos textos, se neles ela *revela* coisas sobre sua vida? Acontece que ela não revelava *dados*, ao menos não muito precisos – relatava experiências. E algumas delas estão escondidas, camufladas, e só são descobertas à luz de mais informação sobre a vida da autora. Biografias a seu respeito, como a de Nádía Batella Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta* (1995), e a mais recente *Clarice*, (2009), de Benjamin Moser, possibilitaram essas descobertas por parte do leitor.

Algumas lembranças eram explícitas, como as de sua infância. Ela narra em textos como “Banhos de mar”, “Restos do Carnaval”, “Cem anos de perdão”, “Medo da eternidade”, “As grandes punições” e “Tortura e glória”, entre outros, reunidos no início de *Aprendendo a viver*, experiências divididas com o pai e com as irmãs, Tania e Elisa, com amigos de infância, como Leopoldo Nachbin, com outras personagens. Os cenários

são as ruas, praças, casas da Recife na qual viveu 10 anos, de 1925 a 1935 – data em que se mudou com o pai e as irmãs (a mãe falecera em 1930) para o Rio de Janeiro.

Outras, nem tanto. Em “As crianças chatas”, crônica publicada em agosto de 1967, um menino pede comida à mãe e esta lhe manda dormir – não há comida. A criança insiste, a mãe se exalta. “Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não agüento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta.” [13] Moser analisa a dimensão pessoal desse texto, que só pode ser entendida quando se tem contato com o contexto no qual Clarice Lispector foi concebida, nasceu e cresceu.

Chaya Pinkhasovna Lispector nasceu, de mãe sífilica – a doença provocada provavelmente por um estupro -, em 10 de dezembro de 1920, em Tchechelnik, na Ucrânia. Seus pais, judeus, passavam por imensas dificuldades devido aos *pogroms*¹, realizados tanto por alemães quanto por soviéticos. A irmã mais velha de Clarice, Elisa Lispector, também romancista, escreveu dois livros de memórias da família, nos quais ela retrata alguns desses ataques, o dia em que sua mãe teria sido violentada, entre outros acontecimentos terríveis. [14]

Tenho certeza que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça. [15]

A fuga de cidade em cidade e de país em país, até chegar ao Brasil, desde que nascera, além de aqui nunca ter se ajustado perfeitamente (por tentar imitar a pronúncia dos pais quando pequena, sua voz ficou com o sotaque estrangeiro, constatou o amigo dr. Pedro Bloch, relata Moser), mais a morte da mãe quando Clarice ainda era menina podem ter sido a causa desse sentimento. Criar raízes no país que a acolheu seria uma maneira de lutar contra isso (em “Pertencer”, ela continua: “Embora eu tenha uma

¹ *Pogrom* (do [russo](#) [погром](#)) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra [judeus](#) e outras minorias étnicas da [Europa](#). (retirado de Wikipédia.org)

alegria: pertencço, por exemplo, ao meu país, e como milhões de outras pessoas sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira.”)

Quando Pinkhas, Mania, Tania, Leia e Chaya Lispector conseguiram finalmente chegar ao Brasil, depois de 10 anos de sofrimento na Europa (Pinkhas e Mania haviam-se casado em 1910), desembarcaram no Maceió, onde tinham parentes. Os nomes se naturalizaram – para Pedro, Marieta, Elisa e Clarice; apenas Tania permaneceu a mesma -, e a vida melhorou, mas as dificuldades ainda eram muitas. Isso os levou a se mudarem para Recife, onde as chances de Pedro conseguir mais dinheiro eram melhores – ele trabalhava como mascate, apesar de Clarice mais tarde afirmá-lo como “representante de firma, essas coisas” [16] –, local onde acabaram morando 10 anos. A mãe das garotas, no entanto, tinha a saúde muito debilitada devido à sífilis e morreu em 1930. Isso esclarece “Restos do Carnaval”, em que Clarice escreve sobre seus carnavais no Recife. “Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança.” Acontece que, um ano, a mãe de uma amiga fizera para esta uma fantasia com papel crepom rosa; sobrando papel, fez uma para a menina Clarice também. Entretanto, as coisas não saíram como planejado pela garotinha.

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um *destino* é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge – minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de *rosa* – mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil -, fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.(...) Horas depois (...) minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. (...) eu fora desencantada. [17]

Esse desencanto permearia toda sua obra. O desencanto por não ter salvado a mãe com as histórias mágicas que inventava, por tê-la visto sofrer, por não ter podido ajudar. Ela nascera para “salvar” a mãe e falhara.

No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa (...). [18]

Cinco anos depois, em 1940, outro choque: o pai falece, antes de ver a filha se tornar uma escritora de sucesso, o que aconteceria apenas três anos depois. É em 40 que ela começa a trabalhar como redatora e repórter na Agência Nacional, do Departamento de Imprensa e Propaganda. [19]

Clarice ingressara na Faculdade Nacional de Direito, para “reformatar um dia as penitenciárias do Brasil” [20], em 1939. Conhece no curso Maury Gurgel Valente, que se tornaria seu marido em 1943. Após uma desilusão amorosa com Lúcio Cardoso, ator e escritor homossexual, um grande amigo, a moça apaixona-se por Maury. Este prestara concurso no Instituto Rio Branco e ingressara na carreira diplomática. Onze dias depois de se naturalizar brasileira, em janeiro de 1943, Clarice e ele se casam.

Foi em 43 também que *Perto do coração selvagem*, seu primeiro romance, seria publicado. Mas menos de um mês depois ela partiria com o marido para o Nordeste, e de lá, para a Europa. Só retornaria de vez ao Rio muitos anos depois. De modo que, quando foi aclamada pela crítica brasileira por seu livro, Clarice não estava presente.

A vida de esposa de diplomada não foi fácil para ela. Embora ela conseguisse se adaptar bem às situações, ser agradável e simpática, dentro dela havia um conflito profundo entre dois extremos, representados por Joana e Lídia, personagens centrais de *Perto do coração selvagem*. Moser trata do tema durante todo o livro *Clarice*, observando como esse conflito interno entre o lado “animal”, desejoso por liberdade, por não agir de acordo com o que se esperava dela, e o lado “passivo”, que sentia o que os outros sentiam de maneira intensa e desejava agradar, se adaptar, marcou toda vida e obra da escritora. Todos os seus romances têm essa busca pelo equilíbrio íntimo, assim como pela aproximação do significado e da coisa, e por Deus.

Dessa vida cheia de viagens e ao mesmo tempo tão monótona, que fez com que florescesse a depressão de Clarice, surgiram os livros *O lustre* (1946), *A cidade sitiada*

(1949) – um ano depois do nascimento do primeiro filho, Pedro, quando voltou ao Brasil com Maury por mais de um ano; fez questão de procurar um editor para o livro -, *Alguns contos* (1952), *Laços de família* (concluído em 1955, mas só publicado em 1960) e *A maçã no escuro* (concluído em 1956, publicado em 1961). Surgiram também muitas, muitas cartas, trocadas com Fernando Sabino e as irmãs Tania e Elisa, entre outros vários amigos.

Quando em 1959 finalmente se separa do marido e volta ao Brasil, agora com dois filhos pequenos pra criar, Clarice não era mais um nome tão forte. O sucesso de *Perto do coração selvagem* não fora alcançado por seus livros posteriores, de difícil compreensão, e, enquanto lutava para ter dois manuscritos publicados (*A maçã no escuro* e *Laços de família*) – Clarice fazia sucesso entre os intelectuais, mas “os editores a evitavam como a praga” [21] –, ela retomou o emprego de colunista. Já trabalhara sob o pseudônimo de Teresa Quadros para a *Comício*, revista de alguns de seus amigos na década de 50, e agora escrevia como Helen Palmer para o *Correio da Manhã*. Helen era um tagarela colunista que dava dicas de beleza para a “mulher moderna.” Em 60 passou também a ser *ghost writer* da atriz Ilka Soares, escrevendo para uma coluna no *Diário da Noite*. Além disso, escrevia ensaios e contos para a revista *Senhor*.

Essas colunas femininas dão vislumbres da Clarice elegante, “moderna”, mãe, dona de casa, muito diferente da escritora chamada por alguns de “hermética”. Tais vislumbres voltariam com o exercício da crônica – agora assinando com seu próprio nome – em 1967. Ela colaboraria para o *Jornal do Brasil* durante seis anos e meio. [22]

Em um meio predominantemente masculino – até hoje o é; de 112 cronistas listados no site Wikipédia, apenas 18 são mulheres (Clarice Lispector e Hilda Hilst não estão inclusas na listagem) [23] -, ela se sentia um pouco inadequada. Vira e mexe dizia que não sabia fazer crônica, que pedia conselhos a Rubem Braga, que aquilo estava ficando “pessoal demais.” [24]

A vida com Maury na Europa volta e meia aparece, seja falando do “maior elogio que já recebeu na vida” [25], do cachorro Dilermando [26] ou da mulher que odiava judeus [27] (embora Clarice não o diga com todas as palavras). A infância, como mencionado, também estava presente. Mas o que fascina são as divagações interiores que nos mostram um pouco daquela luta que é toda Clarice, as dúvidas e inquietações que permearam a “vida misteriosa” de uma das maiores escritoras do país. Ela, que

passara tanto tempo fora, cujos livros não haviam tido sucesso imediato fora de um pequeno círculo, agora conquistava cada vez mais fãs ao se revelar todo sábado, através de frases ou textos longos, que em nada pareciam com as crônicas tradicionais. Ela fala dos filhos [28], da rotina caseira [29], das amigas [30], das conversas [31], conversa com os leitores [32], divaga sobre o amor [33], sobre Deus [34], aborda temas complexos. Ao não se encaixar, Clarice deixou sua própria marca nas crônicas brasileiras, assim como fizera com a literatura de “gênero maior”. Ela nunca perde sua profundidade, mas, ao mesmo tempo, se humaniza de certo modo, como faz em *Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres*. Nas crônicas, o faz através da intimidade, da liberdade para se expor inteira (ou quase). Ela atinge, assim, um dos pontos descritos por Candido sobre a crônica:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. [35]

3. A apreciação do público

A abordagem íntima, totalmente subjetiva; os formatos não convencionais; as confissões, veladas ou explícitas. Crônicas que às vezes não passavam de trechos curtos (“Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o âmago dos outros: e o âmago dos outros era eu.” [36]; “...Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si.” [37]), ou até mesmo de frases (“Sou tão misteriosa que não me entendo.” [38]) ou que então assumiam intenso caráter ficcional, como se pequenos contos (por exemplo, o trecho de “Por medo do desconhecido” [39]). As críticas não foram poucas - até mesmo o amigo Rubem Braga critica seu estilo.

Uma pessoa me contou que Rubem Braga disse que eu só era boa nos livros, que não fazia crônica bem. É verdade, Rubem? Rubem, eu faço o que posso. Você pode mais, mas não deve

exigir que os outros possam. Faço crônicas humildemente, Rubem. Não tenho pretensões. Mas recebo cartas de leitores e eles gostam. E eu gosto de recebê-las. [40]

O fato é que os leitores gostavam, mandavam cartas, ligavam para ela. Moser cita o caso de uma leitora que apareceu na casa de Clarice para cozinhar um polvo, sua especialidade. E, atualmente, Clarice está mais viva do que nunca. Um artigo da revista Isto É, publicado em 2006, “Elas adoram Clarice Lispector”, discorre sobre o sucesso da escritora entre as jovens dos dias de hoje. Com 49 comunidades no site de relacionamentos Orkut dedicadas exclusivamente a ela, a autora de *A hora da estrela* era citada mais de 260 mil vezes em *blogs* e *fotoblogs*.

Por que tamanha popularidade? Ainda é difícil saber ao certo. Os internautas dizem, em linhas gerais, que quem lê Clarice vive intensamente. Pode ser. “Ela tem profundidade, o que agrada aos jovens. Além disso, cultivava uma imagem de diva, o que atrai”, avalia Marisa Lajolo, professora de literatura da Universidade Mackenzie e autora do livro *Como e por que ler o romance brasileiro*. [41]

Em uma sociedade na qual programas voltados ao jovem como “Malhação”, da Rede Globo, tendem a retratar uma “caricatura” dos jovens – o diretor Rafael Gomes diria, em debate com os estudantes da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA USP), que o programa faz uma cópia de uma cópia já existente da imagem do adolescente (firmada como realidade através dos filmes hollywoodianos, por exemplo) [42] -, ao tratar de temas “pedagogicamente”, esvaziando-os, e mostrar os jovens um tanto quanto fúteis e vazios, é interessante ler a constatação da professora Lajolo. O que atrai em Clarice é justamente sua profundidade, embora não só isso. É ir além, é se exigir, não se contentar em ler retratos de mulheres de 30 anos em busca de um namorado, ao melhor estilo Bridget Jones (romances com a intenção de retratar a mulher moderna, mas que o fazem de uma maneira um tanto quanto superficial). Clarice atrai também pela surpresa: nunca se sabe quando se vai encontrar um romance que comece com uma vírgula (*Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres*), ou encontrar a frase “Ter nascido me escreveu a saúde” [43] como crônica.

Os elementos autobiográficos, os relances de sua vida, o sentimento de intimidade presentes em suas crônicas, têm grande parte nessa atração também. Ela inquieta, mas nos acolhe, como que dando-nos permissão para adentrar seu mundo, vivenciar sua solidão, seus dilemas.

Como é que ousam me dizer que eu mais vegeto que vivo? Só por que levo uma vida um pouco retirada das luzes do palco. Logo eu, que vivo a vida no seu elemento puro. Tão em contato com o inefável. Respiro profundamente Deus. (...) Está chovendo, são quatro horas da madrugada. O vento sacode as portas fechadas de meu terraço. Mas meu corpo está quente. Era para eu sentir frio, mas estou quente e viva. Hoje de tarde vou ter um encontro muito importante. (...) Mandaram-me de Minas Gerais uma carta: nela estava desenhado o meu rosto e o homem dizia que me amava com mudo fervor, Eu respondi dizendo que todo fervor é mudo. E agradeço eu ser o objeto desse fervor. O desenho é muito bom. (...) Que perfume usarei? Acho que já sei qual. Não digo que perfumes uso: são o meu segredo. Meu pai me dizia que eu era muito perfumada. Meus filhos também são. É um dom que Deus dá ao corpo. Humildemente agradeço. [44]

Ela tenta quebrar a imagem de monstro sagrado que tanto detestava, sem escancarar sua vida, como se deixasse uma fresta aberta e nos convidasse a olhar, e tenta também desmanchar o rótulo de hermética falando de igual para o igual com o adulto – nunca o tratando como criança, nunca “facilitando”. Continua falando sobre Deus e solidão e fome e redenção e dúvidas, ainda que misturados com certas banalidades, pequenos detalhes. Ela se humaniza, e não se humanizar junto é impossível.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Introdução

[1] BORELLI, Olga. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*, 1981. Página 26.

[2] Entrevista gravada com Clarice Lispector para a TV Cultura, 1977 (disponível no site Youtube.com).

[3] MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009. Capítulo 4 (A bruxa), página 510.

1. A ascensão da crônica nas décadas de 60 e 70 no Brasil

[4] ASSIS, Machado de. “O nascimento da crônica”, in *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*, 1994.

[5] LISPECTOR, Clarice. “Ser cronista”, in *A descoberta do mundo*, 1984.

[6] CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”, in *Para gostar de ler: crônicas*, volume 5, 1993.

[7] CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”, in *Para gostar de ler: crônicas*, volume 5, 1993.

[8] MORAES, Vinicius de. “O exercício da crônica”, in *Para viver um grande amor*, 1986.

2.

Crônicas

lispectorianas

2.1. Inquietações

[9] LISPECTOR, Clarice. “Escrever (III)”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 2/5/1970.

[10] LISPECTOR, Clarice. “Você é um número”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 7/8/1971.

[11] LISPECTOR, Clarice. “Perdão, explicação e mansidão”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 21/8/1971.

[12] LISPECTOR, Clarice. “Sou uma pergunta”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 14/8/1971.

2.2. O maior legado autobiográfico

[13] LISPECTOR, Clarice. “As crianças chatas”, in *A descoberta do mundo*, 1984.

[14] MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009. Capítulos 1 a 4.

[15] LISPECTOR, Clarice. “Pertencer”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 15/6/1968.

[16] Entrevista gravada com Clarice Lispector para a TV Cultura, 1977 (disponível no site Youtube.com).

[17] LISPECTOR, Clarice. “Restos do Carnaval”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 16/3/1968.

[18] LISPECTOR, Clarice. “Pertencer”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 15/6/1968.

[19] Bibliografia da autora, ano a ano, apresentada ao final de *Aprendendo a viver*.

[20] LISPECTOR, Clarice. “O grupo”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 17/2/1973.

[21] MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009. Capítulo 26 (“Pertencer ao Brasil”), página 353.

[22] MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009. Diversos capítulos.

[23] http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Cronistas_do_Brasil

[24] LISPECTOR, Clarice. “Viajando por mar (1ª parte)”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 5/6/1971.

LISPECTOR, Clarice. “Máquina escrevendo”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 29/5/1971.

LISPECTOR, Clarice. “Vietcong”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 25/4/1970.

LISPECTOR, Clarice. “Fernando Pessoa me ajudando”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 21/9/1968.

[25] LISPECTOR, Clarice. “O maior elogio que já recebi”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 9/3/1968.

[26] LISPECTOR, Clarice. “Bichos (I)”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 13/3/1971.

[27] LISPECTOR, Clarice. “Trechos”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 18/9/1971.

[28] LISPECTOR, Clarice. “O caso da caneta de ouro”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 23/12/1967.

[29] LISPECTOR, Clarice. “Comer, comer”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 16/11/1968.

[30] LISPECTOR, Clarice. “As maravilhas de cada mundo”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 16/5/1970.

[31] LISPECTOR, Clarice. “Lição de moral”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 23/6/1973.

[32] LISPECTOR, Clarice. “Sem título”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 19/6/1971.

[33] LISPECTOR, Clarice. “Ao que leva o amor”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 20/1/1973.

[34] LISPECTOR, Clarice. “Perdoando Deus”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 19/9/1970.

[35] CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”, in *Para gostar de ler: crônicas*, volume 5, 1993.

3. A apreciação do público

[36] LISPECTOR, Clarice. “A experiência maior”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 6/11/1971.

[37] LISPECTOR, Clarice. “O presente”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 8/7/1972.

[38] LISPECTOR, Clarice. “O meu próprio mistério”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 13/7/1968.

[39] LISPECTOR, Clarice. “Por medo do desconhecido (trecho)”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 3/6/1972.

[40] MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009. Capítulo 32 (Diálogos Possíveis), página 417.

[41] “Elas adoram Clarice Lispector”. Revista IstoÉ, setembro de 2006. Disponível em: http://www.claricelispector.com.br/clipping_2006_IstoE_ElasAdoramClarice.aspx

[42] Debate promovido pelo Projeto Redigir com Rafael Gomes e Vinicius Calderoni, acerca do uso da língua portuguesa na arte. ECA-USP, 17/11/2009.

[43] LISPECTOR, Clarice. “Antes era perfeito”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 4/3/1972.

[44] LISPECTOR, Clarice. “Sem título”, in *Aprendendo a viver*, 2004. Publicado em 19/6/1971.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*, 1994.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. 1981

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”, in *Para gostar de ler: crônicas*, volume 5, 1993.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*, 2004.

MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor*, 1986.

MOSER, Benjamin. *Clarice*, 2009.